

A Origem do Alfabeto Fonético Chinês

ROGÉRIO FERNANDES DE MACEDO*

INTRODUÇÃO

A China é um dos países mais antigos do mundo com uma cultura rica e fascinante, no entanto, ainda é vista pelo Ocidente como um lugar misterioso e intrigante.

Considerando a época dos primeiros contactos de ocidentais com o povo chinês registados na história do século XIII, com destaque para as visitas de Marco Polo, percebemos que o que esses aventureiros encontraram nesse país foi um povo com uma cultura bem desenvolvida, com um sistema de governo imperialista bem estruturado, com armas já sofisticadas, embarcações numerosas e de grandes proporções, uma diversidade de línguas faladas e uma língua escrita já bem enraizada e difundida, entre outros factos. Logo, aqueles que chegaram ao país com interesses em estabelecer uma colónia, em busca de metais preciosos ou para fazer comércio, encontraram grandes barreiras que dificultaram, principalmente, os contactos do ponto de vista dominante.

É interessante imaginarmos dois povos com culturas, crenças e idiomas distintos fazendo um primeiro contacto numa época totalmente conflituosa para ambos: de um lado, a Europa tentando descobrir e conquistar territórios distantes e com o sonho de

encontrar riquezas tanto em matérias-primas como também em metais preciosos e, do outro, a China com os seus conflitos e guerras internas onde diversos reinos se defrontavam em busca de unificação e expansão de domínios e poder.

Nesse artigo apresentamos as prováveis intenções dos europeus ao estabelecerem contacto com os chineses e alguns dos métodos aplicados nas colónias que os impediam de serem aceites por esse povo; além disso, apresentamos os principais motivos pelos quais a China da dinastia Yuan foi tolerante com os visitantes ocidentais, como Marco Polo e Giovanni da Montecorvino (século XIII), por exemplo, e se fechou após a queda do império mongol e do retorno ao domínio chinês.

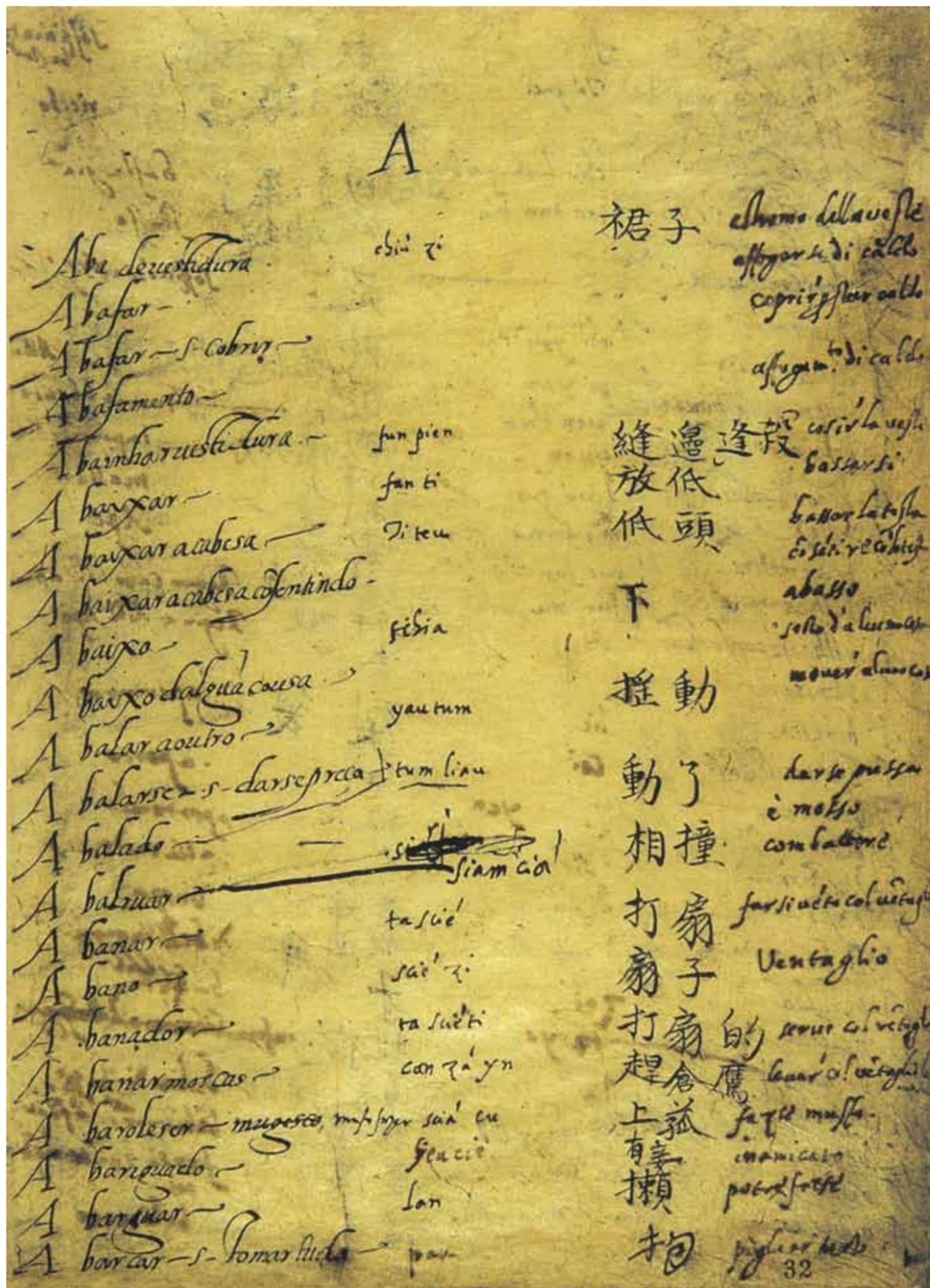
Devido, principalmente, às falhas metodológicas de contacto utilizadas pelos missionários na China do final da dinastia Ming, isso os fez romper com o antigo sistema e inovar as estratégias, facto que serviu de iniciativa aos estudos da língua e conhecimento da cultura desse povo.

Os resultados do processo de aquisição da língua e cultura, no entanto, tiveram várias tentativas frustradas e só obtiveram êxito com a chegada de Michele Ruggieri (1543-1607), natural de Spinazzola, Itália, doutor em Direito Civil e Canónico. Ruggieri, logo de início, adoptou uma postura de respeito pelos costumes chineses, passando a observar e a se comportar como eles, o que gerou críticas dos seus companheiros e até descrédito, contudo, conquistou a amizade e confiança dos chineses ao ponto destes o considerarem como um representante dos ocidentais.

Conforme Witek (2001), citando Pasquale M. d'Elia, Michele Ruggieri preparou o caminho para

* Bacharelado em Letras, pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Fez pesquisas no campo da Linguística, com ênfase na Linguística Histórica, abordando temas relacionados com a política linguística e a sociolinguística. É tradutor, intérprete e professor de chinês.

B.A. in Literature from the Federal University of São Paulo (UNIFESP). He did research in the field of linguistics, with an emphasis on Historical Linguistics, addressing issues related to language policy and sociolinguistics. He has always been working as translator, interpreter and teacher of Chinese.



LINGUÍSTICA

LINGUISTICS

Matteo Ricci (1552-1610) na China e este soube seguir o sistema de adaptação à cultura iniciado por aquele. Além disso, Ricci usou a sua vontade de conhecer a China e os seus conhecimentos em geografia, astronomia, matemática, etc., adquiridos em Macerata, Itália, sua terra natal, para conquistar a confiança dos chineses.

Assim, temos neste artigo relatos das experiências dos estudiosos que, em contacto com a China, souberam trocar conhecimentos, atraindo o interesse desse povo e conquistando o que nenhum outro conseguiu na época, demonstrando métodos mais eficientes para o contacto com povos de culturas mais antigas e com uma estrutura política fechada e exigente.

Logo, vemos um ambiente propício para o desenvolvimento de pesquisas sobre as mudanças e consequências geradas por este intercâmbio em várias áreas das ciências humanas. Neste artigo, como contribuição para estes estudos, procuro levantar questões pertinentes ao estudo linguístico, mais precisamente à linguística histórica, tentando apresentar factos que anteriormente, no início dos meus estudos da língua chinesa (1992), me intrigavam e provavelmente são desconhecidos daqueles que começam a estudar este idioma no momento em que a China tem o seu desenvolvimento económico em destaque mundial, o que pressupõe uma maior procura do idioma mandarim, principalmente para o acompanhamento dessas mudanças.

As questões fundamentais deste artigo fazem, assim, referência a esse conjunto de questões acima levantadas e é importante, antes de tudo, trazer ao conhecimento que, antes de ter contacto com o alfabeto romanizado chinês nos meus estudos, comecei a aprender por meio de um outro sistema de apoio conhecido como *zhuyinfuhao* 注音符号 ou БОПОМОФО.² Este sistema é composto por símbolos gráficos, ou seja, traços próprios da caligrafia chinesa, porém com pronúncias mais reduzidas, como no *hiragana* e *katakana* japonês, por exemplo.

Quando conheci o sistema *Hanyu Pinyin* 汉语拼音 já tinha uma razoável noção do idioma escrito na forma tradicional e foi também nesse momento que comecei a questionar os meus professores sobre a origem da romanização chinesa, recebendo como resposta que esse sistema fora desenvolvido pelo governo chinês.

Hoje, em contacto com estudiosos e referências linguísticas, essas questões não só vieram à tona como

também ampliaram as dúvidas sobre o assunto, abrindo um leque de perguntas, como: Como surgiu o alfabeto romanizado chinês? Quem foi (ou quais foram) o(s) responsável(is) pela sua criação e utilização? Em que época e porquê?

Com isto, antes de entrar directamente na história da origem do alfabeto fonético chinês/mandarim (*Hanyu Pinyin*), quero esmiuçar essas perguntas para que o leitor possa compreender o sentido inicial dessas pesquisas e qual o rumo que tomaram no curso da história.

COMO SURTIU O ALFABETO ROMANIZADO CHINÊS?

Na China moderna vários são os materiais pedagógicos utilizados no ensino fundamental para o aprendizado da língua oficial chinesa conhecida no ocidente como “mandarim” – palavra que, de acordo com Paul Teyssier (2007), em *História da Língua Portuguesa*, é de origem “malaia vinda ela mesma do sânscrito e contaminada pelo português mandar” –, nos quais encontramos um método distinto dos comuns caracteres chineses, ou seja, o *Hanyu Pinyin* (alfabeto fonético chinês). O *Hanyu Pinyin* é o sistema de romanização do mandarim adoptado como padrão pelo governo chinês para a transcrição do idioma oficial com base no latim.

A divulgação da adopção e uso do sistema *Hanyu Pinyin* pelo governo chinês teve o seu registo na história em 11 de Fevereiro de 1958, data que marcou a reforma do ensino no país. Esse foi o ano em que teve início a prática da proposta política de Mao Zedong 毛泽东, conhecida como o “Grande Salto em Frente” (1958-1962) (Mitter, 2011, p. 150). Logo, podemos deduzir que a oficialização de uma transcrição romanizada do idioma mandarim e a legalização desse sistema no ensino público fez parte das mudanças ocorridas na China nessa época.

Mesmo nos tempos de hoje encontramos afirmações que apontam a autoria do alfabeto romanizado chinês a estudiosos chineses que buscavam uma solução prática e eficiente para substituir os métodos tradicionais de representação fonética da escrita chinesa, logicamente por exigência do governo. Essa história é incontestável, no entanto, em que método, ideia ou língua ocidental se basearam os estudiosos chineses para a escolha e elaboração do

Hanyu Pinyin? Esta pergunta é óbvia, visto que o este utiliza as mesmas letras do alfabeto ocidental, ou seja, comparando com o alfabeto português, por exemplo, as vogais e consoantes são equivalentes, não contendo, no caso do mandarim, contudo, a letra [v] entre as consoantes e existindo entre as vogais a letra [ü]. Além disso, como factor diferenciador, há uma combinação das consoantes [z], [c] e [s] com a letra [h], formando as letras [zh], [ch] e [sh], já entre as vogais há combinações como [an], [en], [ang], [eng] e [ong], por exemplo, representando os sons nasais do mandarim.

Com estes apontamentos preliminares procuro enfatizar o que indica a primeira questão dessa pesquisa, ou seja, como surgiu o alfabeto romanizado chinês? Logo, esse é o nosso ponto de partida rumo à história específica da origem da romanização desse idioma.

QUEM FOI (OU QUAIS FORAM) O(OS) RESPONSÁVEL(IS) PELA SUA CRIAÇÃO E UTILIZAÇÃO?

Em contacto com a história da oficialização do *Hanyu Pinyin* no ensino público da China, em 1958, é possível encontrarmos relatos do processo que levou à escolha desse sistema; além disso, podemos constatar a existência de muitos outros sistemas de transcrição com características distintas.

Conforme Viviane Alleton apresenta em *Escrita Chinesa*, por exemplo:

“A escrita chinesa manteve uma unidade ao longo de toda a sua história ao contrário da alfabética, que se diferenciou em vários tipos (europeu, semítico, indiano), contendo eles próprios um grande número de variantes. A leitura de uma única escrita chinesa num espaço onde coexistem múltiplos dialectos e a difusão dessa escrita fora da China puderam dar a ilusão de que ela registava várias línguas. Isso não é verdade.” (p. 102)

Um dos relatos do processo de adopção de um sistema pela China é apresentado por Alleton (2010, pp. 114-115) que afirma:

“Os reformadores chineses interessaram-se primeiro pelas notações em letras latinas dos dialectos do Sul, que eram utilizadas pelos missionários protestantes. A partir de 1900, eles procuraram criar silabários ou alfabetos

originais para transcrever o falar mandarim e, mais especialmente, o pequinês. Após diversas tentativas, foi adoptado em 1918 um sistema, o *zhuyin zimu*, de 39 signos, com grafias angulosas derivadas dos caracteres chineses e inspirado na análise tradicional da sílaba. [...]

[e]m 1926, um grupo de linguistas chineses elaborou o *Gwoyue Romatzyh* (GR), que utiliza as letras latinas e marca os tons não com o auxílio de acentos ou de sinais, mas por substituições de letras. Igualmente em letras latinas, o *Latinxua* foi elaborado, em 1929, por um grupo de comunistas chineses e de linguistas russos, sendo destinado a populações chinesas estabelecidas na URSS e às massas chinesas iletradas. [...]

Em 1955, decidiu-se utilizar as letras latinas de preferência ao cirílico ou a qualquer outro sistema do tipo *kana* a fim de facilitar a transcrição de nomes estrangeiros e as trocas internacionais. Em 1956, um projecto de alfabeto foi divulgado em todo o país para discussão e crítica. [...] ele foi adoptado em Fevereiro de 1958. [...], designado de maneira mais geral pelo termo *pinyin*, soletração.”

O início da escolha de um sistema, conforme os registos da história, ocorreu no ano de 1900, data marcada pela Revolta dos Boxers. Além deste, muitos outros conflitos e factos importantes ficaram na história da China desse período até ao ano da oficialização do *Hanyu Pinyin*.

As manifestações que marcaram os 58 anos que sucederam até à data da publicação definitiva da escolha do sistema de transcrição da língua que vigora até hoje na China e se vem espalhando por toda a parte do mundo nas escolas de mandarim, dão-nos um panorama da situação do país em termos sociais e políticos, servindo de base para compreendermos as situações periféricas encontradas onde estava inserida a adopção de um sistema visivelmente moderno de transcrição para o ensino da língua padrão nas escolas do país.

Na sequência dos acontecimentos, de acordo com a obra *China Moderna* de Rana Mitter (2011, p. 150), temos:

- 1900 – A revolta dos Boxers;
- 1911 – A revolução causa o colapso da dinastia Qing;
- 1919 – Manifestações do Quatro de Maio;

LINGUÍSTICA

LINGUISTICS

- 1925 – Movimento Quatro de Maio;
- 1926-1928 – Expedição do Norte dos nacionalistas e comunistas;
- 1928 – Estabelecimento do governo nacionalista em Nanjing;
- 1934-1935 – A Longa Marcha dos comunistas: Mao começa a subida ao poder;
- 1937 – Deflagração da guerra contra o Japão: os nacionalistas retiram-se para Chongqing;
- 1945 – Fim da guerra contra o Japão;
- 1946-1949 – A guerra civil termina com a vitória comunista;
- 1958-1962 – O “Grande Salto em Frente” causa uma fome generalizada.

Analisando esta cronologia, podemos perceber a constante busca de uma identidade nacional pelo povo chinês devido a um grande desequilíbrio económico, social e político, o que faz supor um ambiente propício a mudanças devido às tensões evidentes.

Diante destes conflitos, não se pode sustentar terem os estudiosos chineses trabalhado em harmonia num projecto de criação de um sistema de transcrição mais adequado às exigências da época para um maior desenvolvimento da educação e alfabetização da população chinesa.

Um facto relevante é o que alguns historiadores relatam, ou seja, o de que, de 1900 até 1958, os estudiosos chineses se reuniram para a escolha de métodos para a definição de um sistema que pudesse ser aceite pela maioria dos chineses como forma de representação fonética da língua escrita padrão do mandarim.

Sendo assim, voltamos à questão já apresentada: Quem foi (ou quais foram) o(s) responsável(is) pela sua criação e utilização?

EM QUE ÉPOCA E PORQUÊ?

Antes do contacto dos primeiros europeus como Marco Polo e Guillaume de Rubruck, por exemplo, a cultura da China era um mistério para os povos ocidentais e até mesmo Marco Polo teve dificuldades em ganhar credibilidade à época, sendo considerado mentiroso e os seus argumentos exagerados, como podemos observar na passagem da obra *Pequena História das Grandes Nações: China*, de Otto Zierer (1976), quando relata a estadia de Marco Polo na China do império de Kublai Khan, dizendo:

“Na mesma época em que Kublai Khan adota um nome chinês de imperador, o jovem veneziano Marco Polo (1254-1325) acompanha seu pai e tio através do Pamir em direcção à China. Alcança a corte do imperador mongol em Cambalu e mais tarde em Taitu (Pequim).

Após conquistar a amizade do soberano, ascende a governador de Hang-zhou e só dezassete anos depois regressa, enriquecido, a Veneza.

Traz para o Ocidente as primeiras informações correctas sobre as condições, dimensões e acontecimentos na China. Mas são poucos os que acreditam. A sua cidade natal zomba dele chamando-o de *Contador Marco Millione*. (Zierer, 1976, p. 51)

Para entendermos melhor a importância da pergunta deste tópico é preciso recuarmos no tempo, até antes dos primeiros contactos dos ocidentais, para analisarmos os métodos utilizados pelos chineses no ensino da língua escrita, principalmente em relação à fixação e memorização da pronúncia dos caracteres para a sua leitura.

Com base em Alleton (2010) e na obra *Zhongguo yuyanxue shi* 中国语言学史 (História da Linguística Chinesa) (1981), do linguista chinês Wang Li 王力, é possível esquematizar a forma utilizada no século I, por exemplo, da seguinte maneira:

Século I – representação da pronúncia por um carácter mais simples, ou seja:

A (se lê) a
 onde
 (A) 忠 (*zhong*) (se lê) (a) 中 (*zhong*)
 já no século III temos:

Século III – método conhecido como *fanqie* 反切, que consistia na decomposição da pronúncia de um carácter novo ou complexo por meio do apoio de dois outros caracteres, sendo considerado a inicial da pronúncia do primeiro (desconsiderando a sua final e tom) somada à final do segundo carácter (considerando o tom, não importando a sua partícula inicial):

A = inicial de B + final e tom de C
 onde
 (A) 忠 = (B) 这 + (C) 东 (*zhong* = *zhe* + *dong*)

Contudo, um dos principais problemas desses sistemas era a possibilidade de uso de qualquer outro carácter para as funções apresentadas, o que não era, de certa forma, viável para ser aceite como regra padrão, apesar de ser bem eficiente para quem já conhece um

número razoável de caracteres servindo de método, para quem já conhece a romanização, no processo de substituição do apoio romanizado.

É preciso analisar, contudo, que na época anterior e até nos primeiros contactos com os ocidentais, com base em Alleton (2010), não houve interesse da parte dos chineses em relação à transcrição do seu idioma. Isto pode ser enfatizado pelos próprios factos históricos, como no contacto com o budismo, por exemplo, o qual regista os sons da língua, como no sânscrito, na escrita tibetana, uigur, mongol etc.

Logo, podemos pressupor que o que aos chineses inspirou interesse por uma transcrição teve como factor fundamental uma mudança de comportamento na história a qual não deve ser desconsiderada neste artigo.

OS PRIMEIROS CONTACTOS DOS OCIDENTAIS COM A CHINA DO SÉCULO XIII

Muitos foram os propósitos dos primeiros viajantes a se aventurarem no Mundo, originários de vários países como Inglaterra, Espanha, Portugal e Holanda, por exemplo, e são muitos também os relatos de que uma grande maioria deles não chegou ao seu destino, sofrendo naufrágios, sendo mortos e até devorados por animais selvagens e tribos hostis.

Segundo Alleton (2010) os primeiros contactos de ocidentais com a China têm o seu registo histórico no século XIII com as viagens de Guillaume de Rubruck, enviado por S. Luís ao Império Mongol, além de Giovanni da Montecorvino, padre franciscano citado por C. Dehaisnes na sua obra *Vie de Père Nicolas Trigault de la Compagnie de Jésus* (1861), cuja história é relatada por Pacifico Sella em *Il vangelo in Oriente: Giovanni da Montecorvino, frate minore e primo Vescovo in terra di Cina, 1307-1328* (2008). Nesse período o Império Mongol já contava com um eficiente sistema de contactos com a Europa, sendo historicamente conhecida a expansão territorial levada a efeito por Gengis Khan, fundador do Império Yuan, o qual, a meu ver, poderia ser comparado ao Império Romano, muito mais estudado no Ocidente.

Temos também, no século XIII, os relatos das viagens de Marco Polo à China, que, como vimos, teve dificuldades em se fazer acreditar pelos seus compatriotas quando narra o que vira no mundo asiático.

Apesar do século XIII ter sido um período em que ocorreram factos importantes na história das relações entre Ocidente e Oriente e até ter servido, provavelmente, de inspiração aos aventureiros posteriores ou mesmo de experiência aos que trabalharam em prol da expansão religiosa, territorial e comercial naquele período, não foi descoberto, até ao momento, qualquer registo que possa ser considerado relevante para o tema deste artigo, ou seja, o da contribuição para a romanização do idioma escrito chinês, embora haja relatos, que requerem pesquisas, de que Giovanni da Montecorvino, por exemplo, chegou a ensinar grego e latim aos chineses, o que é um facto importante para outros estudos.

A MISSÃO DE MICHELE RUGGIERI E MATTEO RICCI

A história que serve de base para se entender o processo que culminou no interesse dos ocidentais em aprenderem a língua e cultura da China no final da dinastia Ming é a que relata uma necessidade de mudança nos métodos de contacto com os chineses devido às dificuldades encontradas. Assim, houve um certo retorno ao desejo demonstrado anteriormente por S. Francisco Xavier, ou seja, o de entrar e estabelecer contacto com os chineses.

O principal responsável por essa mudança é assim apresentado por Witek (2001, p. 31):

“Alessandro Valignano, S.J. (Fan Lian 范礼安), superior das missões jesuítas nas Índias Orientais, entre 1573 e 1606, foi para Macau em 1578, tendo permanecido aí um largo período de tempo familiarizando-se com a cultura e língua chinesas. Tendo concluído que o trabalho missionário na China seria impossível se os missionários não se adaptassem à cultura e costumes chineses e não aprendessem a falar, ler e escrever chinês, deu início a um processo de ajustamento cultural que, pela primeira vez, abriu a China da Dinastia Ming à evangelização cristã. Michele Ruggieri, S.J. e Matteo Ricci, S.J., foram os primeiros a implementar esta política.”

O que percebemos aqui é que houve uma ruptura, por parte de Valignano (1539-1606), em relação aos conceitos e métodos anteriormente aplicados em outras regiões e países, o que foi fundamental para a aproximação dos ocidentais nessa região, gerando benefícios que antes não haviam conquistado.

LINGÜÍSTICA

LINGUISTICS

Portanto, a missão estabelecida por Valignano aos missionários Michele Ruggieri e Matteo Ricci era especificamente a de buscarmos, por meio do aprendizado da língua e cultura chinesas, conquistar um maior e mais confiável intercâmbio, o que favoreceria o desejo de expansão religiosa e comercial da parte dos ocidentais. Mas, isso também resultou, e é bom deixar claro, no conhecimento pelos chineses dos propósitos e de certos costumes dos ocidentais, pois, como podemos verificar pelos materiais produzidos nesse período, ou seja, traduções feitas pelos missionários tanto do chinês para o latim quanto do latim para o chinês, é possível deduzir uma relação de troca de interesses como consequência dessa aproximação.



Isso porque considero não ser o interesse unicamente dos ocidentais, pois os chineses tiveram muito mais a ganhar em relação aos benefícios produzidos pelos primeiros e isso desejo deixar claro nesta pesquisa.

DO APRENDIZADO À ROMANIZAÇÃO DO MANDARIM

De grande valor para esta pesquisa, é o facto dos missionários manterem contacto com os seus superiores por meio de cartas, sendo estas, portanto, um registo de extrema importância para os estudos da linguística histórica.

Com base em Witek (2001), que analisa essa correspondência, é possível compreender as condições e situações pelas quais esses missionários passavam, desde os primeiros contactos com os chineses em busca de interacção e início dos estudos do idioma até ao processo de aquisição da língua e relatos do seu desenvolvimento gradual e dificuldades encontradas.

Conforme o relato de Witek, Ricci parece manter um periódico contacto com os seus superiores e também amigos por meio de cartas, como nesta passagem onde Ricci, em carta datada de 13 de Fevereiro de 1583 ao Pe. Martino de Fornari, S.J., em Pádua, narra a sua chegada a Macau, onde iniciou seus estudos na língua chinesa em 1583, dizendo:

“... Logo que desembarquei, a minha saúde melhorou; comecei imediatamente a estudar chinês ... Actualmente, já sei vários caracteres chineses ... Dentro de um mês (precisamente

em Julho de 1583), partirei para a China com o Padre Ruggieri. Devemos aprofundar os nossos estudos sobre a língua e literatura chinesa.” (Witek, 2001, p. 32)

Ainda segundo Witek, Ricci corresponde-se com o Pe. Claudio Acquaviva, geral da Companhia de Jesus em Roma, dizendo:

“O Padre Ruggieri deixou-me dois ou três homens para me ajudarem a aprender a língua chinesa. Com a ajuda do Senhor, já fiz progressos.” (*ibidem*)

Como podemos perceber nestes e em muitos outros exemplos da correspondência de Ricci apresentados por Witek (2001), o conteúdo desses registos serve-nos de retorno à memória daquele tempo ao ponto de podermos resgatar os factos ocorridos naquele período que raramente se poderiam tornar concretos no mundo contemporâneo sem que se perdessem em possíveis narrativas fragmentadas.

Por meio dessas cartas é possível perceber os progressos alcançados por Ricci e Ruggieri no conhecimento e processo de aquisição da língua chinesa, bem como a clareza dos propósitos estabelecidos pela missão de estudo desse idioma e entender a reacção dos chineses diante desses contactos e interesses dos ocidentais pelo seu país.

No que é apresentado por Witek (2001) temos, por exemplo, o facto importante do uso de intérpretes no processo de contacto dos ocidentais e podemos pressupor que a maioria desses intérpretes eram mestiços que dominavam a língua ocidental aprendida com os seus pais ou, como segunda hipótese, através de contactos com os missionários e outros ocidentais, o que requer mais pesquisas.

Uma passagem na obra de Witek que comprova o uso de intérpretes é a que cita Ricci numa carta enviada ao Pe. Acquaviva em 20 de Outubro:

“Graças a Deus, tenho sido sempre saudável e já consigo falar com todos os chineses sem recorrer ao intérprete e ler bem os seus livros.” (Witek, 2001, p. 32)

O desenvolvimento da fluência na língua chinesa por Ricci, relatado nas suas cartas e também nos relatos de chineses que com ele tiveram contacto e que também são apresentados por Witek (2001), aponta uma segura fonte que vem não somente solidificar os argumentos levantados neste artigo sobre a origem do alfabeto chinês, mas também informar



Alessandro Valignano (Chieti, 15 de Fevereiro de 1539 - Macau, 20 de Janeiro de 1606).

LINGUÍSTICA

LINGUISTICS

sobre a enorme influência dos ocidentais na China nesse período (século XVI) e sobre os resultados desses contactos que puderam beneficiar primeiramente os europeus acerca do conhecimento desse povo, sua literatura e cultura.

Em 10 de Novembro de 1585, ou seja, três anos após ter iniciado os seus estudos da língua chinesa, Ricci envia uma carta ao Pe. Ludovico Maselli, S.J., em Nápoles, dizendo:

“Como agora falo fluentemente a língua e comecei a pregar aos cristãos na nossa igreja, abrimos as portas aos pagãos que queiram vir. Sei também ler e escrever os seus caracteres que, no total, são uns dez mil. Tenho planos de ler sozinho muitos livros assim como todos os seus livros com a ajuda que conseguir ter.” (Witek, 2001, p. 33)

Ricci, no período em que viveu na China, leu e traduziu diversos livros deste país e chegou a enviar várias das suas traduções para a Europa, como uma cópia dos textos confucianos endereçada ao Pe. Acquaviva em 1595, sendo este um facto histórico que trouxe mudanças na visão europeia da China e da sua cultura.

Um dos factos importantes que podemos relatar aqui refere-se à reacção dos chineses diante da presença de Ricci e seus conhecimentos e consta de uma carta de 28 de Outubro de 1595, enviada de Nanchang ao Pe. Costa, onde fala sobre as visitas que recebeu dos chineses, como:

“Não tenho palavras para descrever a extraordinária afluência de visitantes que recebi nesta cidade. Há cinco razões para tal: primeiro, não só porque sou estrangeiro, facto que para eles é invulgar, mas especialmente porque conheço a sua língua, ciência, hábitos e maneiras; segundo, porque havia um rumor de que eu tinha um método de transformar mercúrio em prata verdadeira e as pessoas vinham até mim para aprender esta arte que era muito respeitada. Quanto mais dizia que nada sabia sobre o assunto, menos eles acreditavam. Terceiro, porque sabiam que possuo uma memória de tal forma boa que consigo recitar facilmente quatrocentos ou quinhentos caracteres depois de os ter lido somente uma vez; quarto, porque estavam impressionados com os meus conhecimentos matemáticos e consideravam-me

o segundo Ptolomeu...; quinto, porque muitos deles estavam interessados em escutar coisas sobre a sua salvação...” (Witek, 2001, pp. 33-34)

Outro facto que nos permite compreender o método adoptado por Ricci para conquistar a confiança dos chineses, além de atrair-lhes o interesse, é referido por Witek ao citar uma das cartas do missionário onde este relata:

“Um dia, vários titulares do primeiro nível do curso literário (*siuçais* 秀才), convidaram-me para ir a uma festa. Aí, aconteceu uma coisa que me deu uma enorme fama entre eles e todos os outros letrados da cidade. Tratou-se do Sistema de Memorização que eu criei para a maioria dos ideogramas chineses; como tinha boas relações com estes letrados e porque desejava que eles me prestigassem, ao mesmo tempo que lhes mostrava os meus conhecimentos sobre as letras chinesas, e como sabia que tal era de importância para o serviço e glória do Nosso Senhor e para os nossos planos, disse-lhes que escrevessem num papel um grande número de caracteres chineses sem forma nem ordem. Assim o fizeram, escrevendo muitas letras sem ordem; depois de as ler uma vez, fui capaz de repeti-las da mesma forma em que tinham sido escritas. Este feito deixou-os atónitos, considerando-o uma grande habilidade. Por outro lado, para os impressionar ainda mais, comecei a recitá-las de trás para a frente, começando na última e acabando na primeira. Ficaram espantados e fora de si. Começaram imediatamente a pedir-me que lhes ensinasse esta regra divina através da qual a memória era estruturada. A minha fama espalhou-se rapidamente entre os letrados e eram tantos os licenciados e pessoas importantes que me procuravam pedindo-me que lhes ensinasse esta ciência que eu perdi a conta. Queriam que fosse mestre deles, tratando-me com deferência e oferecendo-me dinheiro, como se eu fosse um mestre” (Witek, 2001, p. 34)

Do ponto de vista dos chineses, Witek apresenta alguns comentários de pensadores e pessoas influentes que tiveram contacto com Ricci, como a carta de Li Zhi 李贄 (1527-1602), grande pensador da época, enviada a um amigo em que diz:

Retrato de Matteo Ricci por Emmanuele Yu Wen-Hui, 1610.



LINGUÍSTICA

LINGUISTICS

“Ricci viveu aproximadamente vinte anos em Chaoking, Nanhai, e leu todas as obras literárias do nosso país. Pediu a académicos que lhe lessem e explicassem o significado dos textos e pediu aos que compreendiam a doutrina da natureza humana e da razão contida nos Quatro Livros que lhe explicassem os princípios mais importantes aí expressos. Pediu ainda a quem conhecia a interpretação das seis Escrituras Canónicas que lhe desse as devidas explicações. Agora, fala fluentemente a nossa língua, escreve os nossos caracteres e age de acordo com as nossas regras de conduta. É um homem extremamente impressionante...” (Witek, 2001, p. 35)

Percebemos nestes relatos que Ricci realmente conseguiu estabelecer um contacto social forte e duradouro com os chineses, mas também foi criticado e tido como pessoa suspeita por alguns chineses, já que era um estrangeiro e os seus propósitos considerados duvidosos. No entanto, como pude constatar ao encontrar documentários recentes em vídeos produzidos na China sobre a vida de Matteo Ricci e seus feitos, posso afirmar que a sua presença ganhou mais características honrosas e de respeito nacional do que o contrário.

Conforme os trabalhos de Joseph Abraham Levi (1998) e de John W. Witek (2001), que analisaram as obras elaboradas pelos missionários no período em que se estabeleceram na China com o objectivo de aprenderem a língua e literatura desse povo, é possível relatar que Ricci não teve só o auxílio recíproco de Michele Ruggieri nos seus estudos, mas também do jesuíta músico Lazzaro Cattaneo (1560-1640) que o ajudou a reconhecer as marcas tonais do mandarim do final da dinastia Ming, logo, sendo de extrema importância para a distinção da pronúncia desse idioma.

Agora, quanto à romanização do idioma chinês, podemos compreendê-la como um registo do processo de aprendizado da língua que teve como produto uma das obras de Ricci e Ruggieri que podemos considerar como o primeiro Dicionário Português-Chinês da história desses intercâmbios, da mesma forma como afirma Joseph Abraham Levi (1998) na sua obra *O Dicionário Português-Chinês de Padre Matteo Ricci, S.J. (1552-1610). Uma Abordagem Histórico-Linguística*, onde ele conclui que:

“Certamente não é uma heresia supor, ou até afirmar, que o Dicionário Europeo-Chinês, isto

é, o Dicionário Português-Chinês, do Padre Matteo Ricci, S.J., seja o primeiro dicionário bilingue – ou seja, Mandarim e uma língua do Oeste, nomeadamente, Português – composto exclusivamente para os missionários aprenderem rápida e facilmente a língua chinesa falada. [...] O dicionário ricciano será também o modelo, o arquétipo emulado pelos outros dicionários bilingues a seguir. Outro aspecto interessante, no campo da Sinologia, é o sistema de romanização: no Dicionário Português-Chinês encontramos a primeira tentativa europeia de sistematizar os sons do dialecto mandarim. Em outras palavras, Ricci transcreveu em caracteres romanos as sílabas chinesas, abrindo, assim, as portas a futuros sistemas de transcrição. (Levi, 1998, p. 37)

Portanto, considerando as afirmações anteriores, temos a romanização elaborada por Ricci e Ruggieri como protótipo de muitas outras tentativas de transcrição que surgiram antes da data de oficialização e padronização de um sistema de base latina conhecido como *Hanyu Pinyin*, o qual demonstra grandes evidências de ter como raiz do seu desenvolvimento o sistema dos missionários.

NICOLAS TRIGAULT E O SEU LIVRO *MATERIAL AUDIOVISUAL PARA OS LETRADOS OCIDENTAIS*

A importância de Nicolas Trigault (1577-1628), para o entendimento do processo de transmissão e desenvolvimento do método de transcrição elaborado por Ricci e Ruggieri deve-se à publicação, em Augsburg, em 1615 (Witek, 2001, p. 38) da sua versão, intitulada *De Christiana Expeditione apud Sinas ab Societate Jesu suscepta. Ex P. Matthaei Riccii ejusdem Societatis Commentarijs*, da obra de Ricci (*Della entrata della Compagnia di Giesú e Christianità nella Cina*) e de uma pequena obra com o título *Xiru er muzi* 西儒耳目資 (Material audiovisual para os letrados ocidentais), em três volumes, em Beijing, 1626.

Na obra de C. Dehaisnes, *Vie de Père Nicolas Trigault de la Compagnie de Jésus*, temos o seguinte comentário sobre o trabalho de Trigault:

Tabela 1. Século XVI: RGS – Sistema de Michele Ruggieri e RCS – Sistema de Matteo Ricci. In W. J. Witek (ed.), *Dicionário Português-Chinês/Portuguese-Chinese Dictionary Michele Ruggieri & Matteo Ricci*, p. 50.

Tabela I. Iniciais			
IPA	RGS	RCS	EXEMPLOS
/p/	p	p	邦 pam (pām), 不 po (pǒ), 見 poi (poéi)
/p'/	p	p'	怕 pa (p'á), 破 po (p'o), 僻 pie' (p'ie)
/m/	m	m	瑪 ma (mà), 門 men (mên), 明 min (mīm)
/f/	f	f	方 fam (fām), 非 fi (fī), 法 fa (fā)
/v/	v, u	v	萬 van (ván), 無 uu (vū), 問 vén (vuén)
/t/	t	t	大 ta (tá), 道 tau (táo), 東 tum (tūm)
/t'/	t	t'	他 ta (t'ā), 桃 tau (t'áo), 通 tum (t'ūm)
/n/	n	n	難 nan (nân), 能 nen (nêm), 內 nuí (núi)
/l/	l	l	賴 lai (láí), 流 leu (liêu), 雷 lui (lúí), 藍 lan (kién)
/ts/	c, ç, çc	ç (e, i)	則 çc (çè), 自 ci (çú), 姊 çci (çú), 即 çie' (çiè)
	z	ç (a, o, u)	子 zi (çù), 早 zau (çáo), 哉 zai (çāi), 助 zu (çú)
/ts'	c, ç, çc	ç' (e, i)	竊 ce ('ciē), 慈 çci ('çú), 前 çien (ç'iên)
	z	ç' (a, o, u)	草 zau (ç'áo), 菜 zai (ç'ái), 粗 zu (ç'ū)
/s/	s, ss	s	死 si (sù), 事 ssi (sú), 一 san (sān), 山 san (xān)
/tʃ/	c, cc (e, i)	ch	戰 cen (chén), 知 ci, ccy (cī), 正 cin (chím)
/tʃ'/	c, cc (e, i)	ch'	臭 ceu (ch'éu), 齒 ci, ccy ('chì), 城 cin (ch'ím)
/ʃ/	sc (i)	x	是 sci (xí), 手 scieu (xèu), 辰 scin (xín)
/ʒ/	g (e, i)	g (e, i)	入 ge' (jǒ), 日 ge' (jè), 人 gin (gīn), gi (lí)
		j (o, u)	肉 gio (jǒ), 如 giu (jū), 冗 giuam (jùm)
/k/	c (a, o, u)	c (a, o, u)	改 cai (cái), 過 co (cúo), 故 cu (cú)
	ch (e, i)	k (i)	狗 cheu (kèu), 家 chia (kiā), 鋸 chiu (kiú)
	q (u)	q (u)	怪 quai (quái), 鬼 quei (quèi), 廣 quam (quàm)
/k'/	c (a, o, u)	c' (a, o, u)	開 cāi (c'āi), 可 co (c'ò), 堪 can (c'ā n)
	ch (e, i)	k' (i)	口 cheu ('kèu), 巧 chiau (k'iào), 去 chiu ('kiú)
	q (u)	q' (u)	快 quai ('kuái), 睽 quei (q'uēi), 曠 quam (q'uám)
/ŋ/	ng (a, o, u)	ng	愛 ngai (ngái), 傲 ngau (gáo), 我 ngo (ngò)
	ngh (e)		額 nghe (gě), 恩 nghen (gēn), 硬 nghen (gém)
/ɲ/	gn	nh (i)	義 gni (ní), 業 gnie' (nhie), 濃 gnium (núm)
/x/	h (a, e, o)	h	好 hau (hào), 後 heu (héu), 何 ho (hò)
	c (u)		花 cua (hōa), 火 cuo (hùo), 玩 cuon (uón)
	g (u)		湖 gu (hū), 滑 gua (hoā), 灰 guei (hōei)
	sch (i)		喜 schi (hì), 下 schia (hiá), 學 schio (hiǒ)
/ʔ/	g (u)	g, ø	瓦 gua (uà), 臥 guo (guó), 爲 guei (guéi), 艾 gai (gái), 吾 gu (gú), 王 guam (uām), 外 guai (váí)

LINGUÍSTICA

“De tous les ouvrages du jésuite douaisien, peut-être même de tous les livres publiés par les savants missionnaires qui ont évangélisé la Chine, le plus important est le Si jou eul mou tseu, ou le vocabulaire disposé par tons suivant l'ordre des mots européens. Les chrétiens indigènes l'avaient prié de composer un grand ouvrage de linguistique, sorte de dictionnaire grammatical dans lequel seraient marqués tous les rapports qui pouvaient exister entre le chinois et les langues européennes. Le P. Trigault fit pour eux et pour les missionnaires ce vocabulaire grammatical qui offre une méthode nouvelle dans laquelle, à l'aide des accents, il rapprochait les caractères des lettres de nos voyelles et de nos consonnes; ...” (Dehaisnes, 1861, p. 198)

De facto, Trigault foi responsável também por diversos trabalhos de tradução de obras chinesas para latim, assim como pelo ensino desse idioma aos chineses, o que o tornou conhecido por estes como Jinnige 金尼閣.

Missionário de origem francesa, nascido no dia 3 de Março de 1577, em Douai, França, Trigault levou para Roma os manuscritos de Ricci, escritos, em italiano, durante os seus dois últimos anos de vida (1608-1610), em Beijing, juntamente com o sistema de transcrição que servira de base à sua elaboração. *Della entrata della Compagnia di Giesú e Christianità nella Cina* compreende as memórias de Ricci desde os seus primeiros contactos, e de Ruggieri, com a China do final da dinastia Ming até pouco tempo antes da sua morte, em 1610.

Witek (2001, p. 38) refere acerca desse documento:

“A descrição de Ricci sobre a língua e escrita chinesas é dada no Capítulo V do 1.º volume desta obra. A romanização dos nomes chineses de pessoas e locais encontrada na obra baseia-se na ortografia italiana e reveste-se igualmente de grande importância para o estudo do primitivo sistema de romanização de Ricci.”

Witek continua com a sua narrativa, apontando o provável caminho pelo qual essa obra passou a ser conhecida no Ocidente, fazendo uma crítica em relação à confiabilidade do material traduzido, dizendo:

“... Todavia, não é uma tradução fiel e literal; é uma ampliação livre com algumas omissões, acrescentos e más interpretações. Por isso, deve recorrer-se ao texto original sempre que se pretender obter provas históricas. Não obstante

estas falhas, a obra de Trigault atraíu as atenções imediatas depois de publicada. Posteriormente, foi traduzida para francês, alemão, espanhol, italiano e inglês (Ricci/Trigault, 1953). Recentemente, foi traduzida igualmente para japonês (Ricci/Trigault, 1982-83) e chinês (Ricci/Trigault, 1983).” (*ibidem*)

É possível perceber a existência de um distanciamento das fontes originais que seriam os textos em italiano das memórias e cartas pessoais de Ricci.

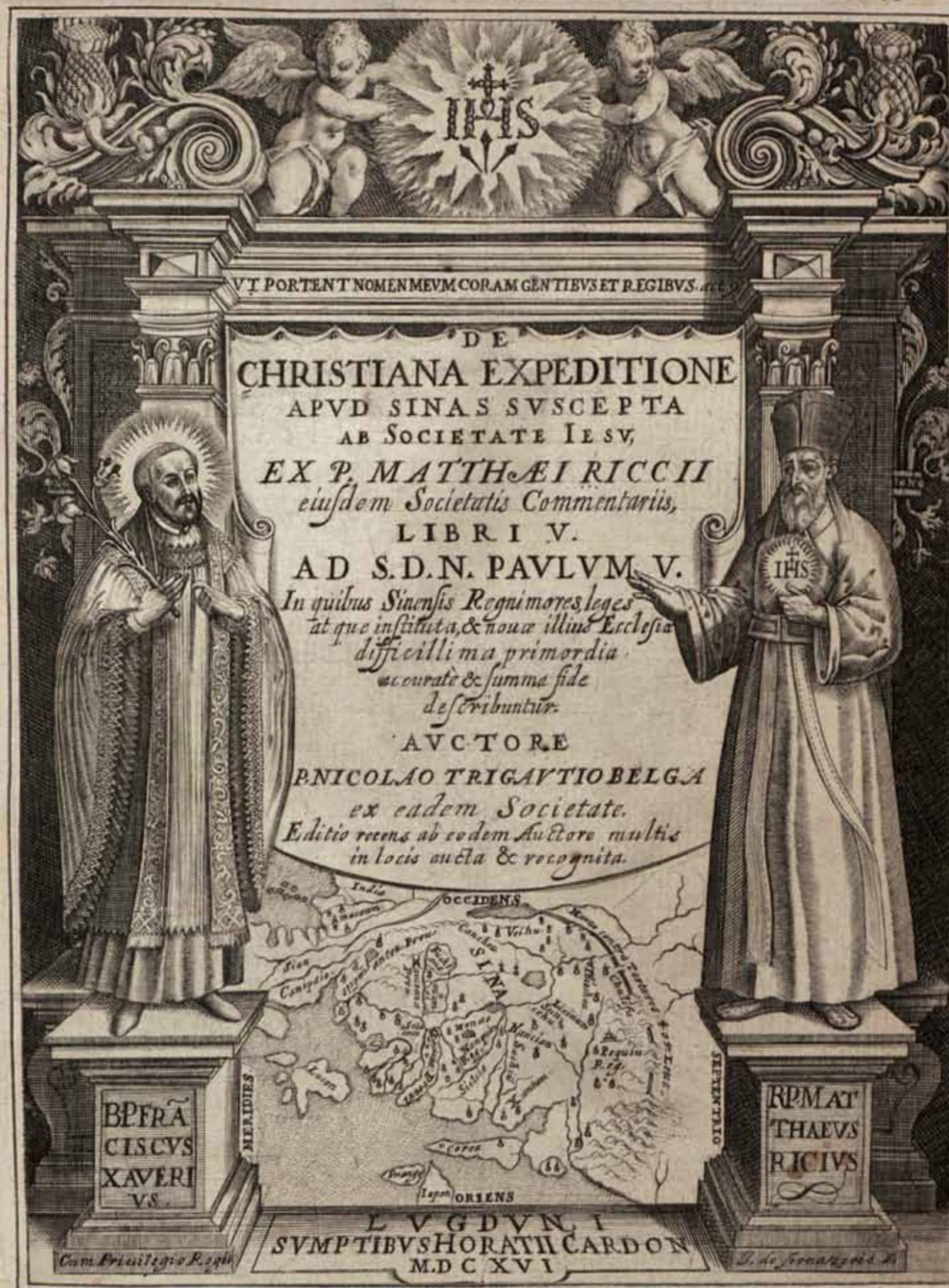
Witek (2001) dá mais detalhes desse processo, mas, neste artigo, o que podemos considerar como relevante para os estudos linguísticos históricos são os pressupostos de que esse distanciamento das fontes primárias poderia ter gerado um desinteresse pelo assunto no Ocidente, facto que poderia comprovar a falta de mais obras relacionadas com o mesmo no meio académico, por exemplo; além disso, é possível entender o porquê de não ter sido aproveitado, desde que chegou ao Ocidente, o sistema de romanização da língua chinesa elaborado por Ruggieri e Ricci.

AS FACILIDADES GERADAS PELO USO DA ROMANIZAÇÃO

Pelo que é possível observar nas pesquisas relatadas neste artigo, as primeiras transcrições da língua chinesa elaboradas por Michele Ruggieri e Matteo Ricci tiveram como principal objectivo auxiliá-los no estudo dessa língua, fazendo uso delas como um método de apoio da pronúncia.

Logo, esse método proporcionou a visualização da pronúncia e com isso foi possível ler os caracteres chineses; além disso, ao ouvir-se a língua chinesa ficou mais fácil fazer a representação fonética das palavras, o que pôde ser registado num dicionário como o que esses missionários elaboraram, por exemplo, passando a servir de material didáctico para outros ocidentais, sendo, portanto, de grande valor numa época em que o conhecimento da língua abriu várias portas de contactos mais confiáveis com os chineses e principalmente com os seus líderes. Não é por acaso que Nicolas Trigault adoptou como título de sua obra o nome *Xiru er muzi*, tendo *xiru* o significado

De Christiana expeditione apud Sinas suscepta ab Societate Jesu (Lyon: Horace Cardon 1616).



LINGUÍSTICA

LINGUISTICS

de “letrado ocidental”; *er*, “orelha”; *mu*, “olhos” e *zi*, “material”, ou seja, “material audiovisual para o letrado ocidental”.

É bom lembrar que, antes do aprendizado da língua chinesa, os ocidentais estavam proibidos de avançar para o Norte da China e entrar no palácio do imperador, tendo sido presos e até mortos muitos dos que insistiam. Uma passagem que pode comprovar algumas das dificuldades pelas quais passaram os primeiros missionários ao tentarem penetrar em território chinês é a referida por Witek, lembrando o interesse demonstrado por S. Francisco Xavier:

“O desejo de penetrar em território chinês não desapareceu com a morte de Xavier. Nas três décadas seguintes, os seus companheiros tentaram realizar este propósito, mas não obtiveram êxito. Isto mesmo é testemunhado por Melchior Nunes Barreto (1519-1571), então provincial na Índia. Em 1555, a caminho do Japão, visitou a ilha de Sanchoão e foi duas vezes a Cantão tentar obter a liberação de vários marinheiros portugueses aprisionados pelo governo provincial chinês. [...] É interessante realçar, contudo, que das cerca de duas dúzias de missionários que estiveram na China até à chegada de Ruggieri, em 1579, nenhum aprendeu a língua. ... (Witek, 2001, p. 14)

Nesta citação é possível perceber-se a necessidade do estudo da língua chinesa e como este era difícil sem material de apoio como, no caso, a romanização.

As vantagens proporcionadas pelo uso da romanização nos dias de hoje, pelo que pude observar nos meus estudos e ensino do mandarim para grupos de brasileiros, por exemplo, são: a visualização do som, o que possibilita a memorização e estudo individual do idioma; facilidade na consulta do dicionário já que este segue padrões semelhantes ao nosso português, ou seja, de A a Z; possibilidade de digitação em computador sem necessidade de uso de programas sofisticados, bastando apenas a instalação das fontes chinesas que já fazem parte do pacote da maioria dos sistemas operacionais recentes; pela padronização da romanização na China, os nomes chineses podem ser transcritos sem que ocorram as grandes variações criadas pelos falantes de outras línguas, etc. Logo, facilitou o aprendizado da língua chinesa aos ocidentais.

声母				
p[p]	'p[p']	m[m]	f[f]	v[v]
t[t]	't[t']	n[n]	l[l]	
k[k]	'k[k']	g[ŋ]	h[x]	
ch[ʧ]	'ch[ʧ']		x[ʃ]	j[ʒ]
ç[ʈ]	'ç[ʈ']		s[s]	

韵母			
a[a]	i[i]	u[u]	ü[y]
o[ɔ]	ia[ia]	ua,oa[ua]	iue[ye]
e[ə],[ɛ]	io[iɔ]	uo[uə]	iuen[yen]
ai[ai]	ie[iɛ]	ue.oe[uə]	iun[yn]
ao[au]	iai[iai]	uai,oaí[uai]	ium[yg]
eu[əu]	iao,eao[iau]	uei,oei,ui[uei]	
an[an]	ieu[iəu]	uan, oan, uon[uan]	
en[en]	ien[ien]	uen, oen, un[uen]	
am[am]	in[in]	uam, oam[uaŋ]	
em[em]	iam, eam[iaŋ]	uem[uəŋ]	
ul[əʷ]	im[iŋ]	um[uŋ]	
ě, ù, ü [ɿ][ʅ]			

声调				
阴平	一	观	kuān	山 xān
阳平	二	文	wén	人 jīn
上声	三	古	kǔ	雅 yǎ
去声	四	教	kiào	化 hoá
入声	五	学	hiò	业 niě

Tabela 2. 1626: da obra *Xiru er muzi* de Nicolas Trigaut, baseado em Ricci.

Considerando as vantagens para os chineses, temos que, ao ser oficializada, a romanização do idioma mandarim passou rapidamente a proporcionar a fixação e melhor pronúncia da língua nacional, ou seja, auxiliou as outras etnias chinesas e com seus próprios dialectos a aprenderem a língua oficial, o que ajudou a propagação de um sistema que não é já somente nacional, mas que também vem atingindo o conhecimento internacional por meio de escolas de chinês espalhadas pelo mundo. Mas, o auxílio de maior importância para os chineses, de um modo geral, é de ter possibilitado o contacto e conhecimento das letras ocidentais, contribuindo para o aprendizado de línguas de base latina, por exemplo.

Concluindo, a expansão económica chinesa vem usufruindo em grande parte desse sistema de transcrição, o *Hanyu Pinyin*, facilitando contactos e transacções comerciais, científicas, políticas, educacionais, etc., o que nos move a retomar as pesquisas dos trabalhos de Michele Ruggieri e Matteo Ricci sobre a aquisição da língua e conhecimento da cultura chinesas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São notórias as mudanças ocorridas na China com os contactos com os europeus e principalmente devido ao comportamento de adaptação adoptado pelos missionários Michele Ruggieri e Matteo Ricci em relação aos propósitos de conhecimento da língua e cultura locais. É importante relembrar o que disse Alleton (2010), ou seja, que todo o momento anterior à intervenção dos missionários, ou seja, o contacto dos monges budistas, povos uigures, mongóis, entre outros, que registavam as suas línguas por meio da representação do som na escrita, não inspirou interesse aos chineses no que diz respeito à transcrição fonética da língua padrão na época.

Esse facto torna-se mais enfático quando lembramos, por exemplo, da atitude dos chineses diante da imposição, por parte do domínio mongol, estrangeiro para os chineses, e que constituiu o império Yuan no período de 1279 a 1368, de um sistema de escrita totalmente adversa dos costumeiros caracteres, que foi abandonado pelos chineses logo após a queda da dinastia Yuan. Um aspecto cultural interessante é que, do ponto de vista dos chineses, Marco Polo não conheceu a China de facto, não com as características culturais naturalmente chinesas.

Com o início da dinastia Ming as portas da China fecharam-se para o mundo, “as viagens marítimas são desprezadas, os contactos com outras nações, considerados suspeitos”. (Zierer, 1976, p. 58)

Neste ponto é possível entender o porquê da dificuldades encontradas pelos missionários jesuítas do século XVI para um contacto mais confiável dos chineses, o que é contrário ao período de visitas de Marco Polo no século XIII e ao dos contactos e progressos no ensino religioso atribuídos ao padre franciscano Giovanni da Montecorvino (1307-1328).

Observando, de um modo geral, as evidências discutidas neste artigo podemos concluir que o processo de romanização da língua chinesa desde seus

precursores, ou seja, Michele Ruggieri e Matteo Ricci até à data da sua oficialização pelo governo chinês em 11 de Fevereiro de 1958, nos aponta lacunas no tempo no que se refere ao estudo e aproveitamento desse material levado por Nicolas Trigault para a Europa com o objectivo claramente indicado no título da sua obra, *Xiru er muzi*, mas que, no entanto e pelo que notámos até ao momento, não surtiu o efeito desejado pelo facto de não ter sido publicado em maior número e estudado minuciosamente (assunto resgatado nesse artigo) sendo, de certa forma, esquecido na biblioteca de Roma.

É possível pressupor, com base nas pesquisas aqui apresentadas, que os chineses fizeram melhor uso desse material, ou seja, da romanização propriamente dita, por meio de estudos linguísticos inspirados nos trabalhos de pesquisadores europeus, como afirma Wang Li, na sua já referida obra *Zhongguo yuyanxue shi*. Um exemplo é a própria adopção de um sistema de transcrição de base latina, que esta pesquisa aponta como o método criado por Ruggieri e Ricci no período em que viveram na China.

Outro facto interessante a ser referido é que só passamos a conhecer esse sistema de transcrição *Hanyu Pinyin* quando começamos a estudar a língua chinesa, logo, da parte dos chineses e não o contrário, pois se isso ocorresse da nossa parte por meio do aproveitamento do material desenvolvido pelos missionários que viveram e realmente aprenderam a ler, escrever e falar em chinês, é provável que essa língua não soasse tão estranha, principalmente numa época em que a economia da China está a crescer no quadro mundial e, por isso, a exigir um resgate dos estudos sobre esse país. **RC**

Nota do Autor: Este artigo é resultado de um projecto de pesquisa na área de Estudo da Linguagem, realizado na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (Campus Guarulhos).

NOTES

1 Esta sigla, adoptada pelos chineses, corresponde ao som das quatro primeiras letras do alfabeto fonético chinês classificado

como *zhuyin fuhao* 注音符号 (significa símbolo fonético) sendo representadas pelos símbolos ㄅ ㄆ ㄇ ㄉ nessa ordem.

BIBLIOGRAPHY

Alleton, V. (2010). *Escrita Chinesa*. Porto Alegre: L&PM.
 Dehaisnes, L. C. (1861). *Vie du Père Nicolas Trigault de la Compagnie de Jésus*. Tournai, Paris: Casterman.
 Levi, J. A. (1998). O Dicionário *Português-Chinês de Padre Matteo Ricci, S. J. (1552-1610): Uma Abordagem Histórico-Linguística*. Nova Orleães: University Press of the South.
 Mitter, R. (2011). *China Moderna*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM.
 Sella, P. (2008). *Il Vangelo in Oriente: Giovanni da Montecorvino, frate minore e primo Vescovo in terra di Cina (1307-1328)*. Assisi: Ed. Porziuncola.
 Teyssier, P. (2007). *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. 3.ª ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes.

Wang, Li 王力 (1981). *Zhongguo yuyanxue shi* 中国语言学史 (História da Linguística Chinesa). Taiyuan: Shanxi renmin chubanshe.
 Witek, W. J. , ed. (2001). *Dicionário Português-Chinês/Portuguese-Chinese Dictionary Michele Ruggieri & Matteo Ricci*. Lisboa: Biblioteca Nacional, Instituto Português do Oriente/Ricci Institute for Chinese-Western Cultural History (University of San Francisco).
 Zierer, O. (1976). *Pequena História das Grandes Nações: China*. São Paulo: Círculo do Livro.

Macao: The Multicultural Face of China

ANA PAULA DIAS*



“It was in Macao that the Chinese and Western worlds first came face to face on a permanent basis, sometimes with violence, at others with admiration, often with misunderstanding. Writers from both civilizations have recorded their impressions of one another’s curious customs, incredible inventions, peculiar foods, and presumptuous claims to control the tiny piece of the South China coast.”
 Donald Pittis and Susan Henders, *Macao: Mysterious Decay and Romance*

In 2011, the President of the Cultural Affairs Bureau of the Macao SAR, Guilherme Ung Vai Meng, stressed at a press conference celebrating the promotion of a mega-cultural show on the occasion of the celebrations of the 12th anniversary of the SAR that Macao was ‘a city of open culture’, ‘a city that has Latin characteristics, presenting a miscegenation of Western and Eastern characteristics’, manifest

‘in buildings, cuisine, local customs, language and religion’.¹ Moreover, according to Rocha (1996), it is ‘the only geographical and political space in Asia that adopted a Latin language as the official language’.²

The questioning of the relationships between language, culture and multiculturalism in Macao is closely linked to the different identities, representations and social contexts present in the territory, arising from the ‘cultural or civilizational meetings’ (Nelson, 1976; 1981) that took place over the course of its history: ‘A place in the map is also a place in history’ (Rich, 1986, p. 212). The encounter between Portugal and China starts with the arrival of the explorer Jorge Álvares at the Isle of Linting, in 1513. Since then, a dual political, economic and cultural system has developed, along with the interaction of Chinese and Western cultures. The culture and the Chinese territory have been documented by many historians, cartographers and

* Doutoranda em Educação e Interculturalidade, com mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares. Trabalha presentemente em Macau como assessora técnica para a promoção e divulgação do português. Tem vindo a publicar, desde 1996, vários volumes sobre literatura portuguesa, didáctica do português como língua estrangeira e, ultimamente, sobre educação e encontros interculturais em Macau.

A Ph.D. student in Education and Interculturality, holds a M.A. in Interdisciplinary Portuguese Studies. Currently working in Macao as a technical advisor for the promotion and dissemination of the Portuguese. She has been publishing since 1996 several volumes on Portuguese literature, didactics of Portuguese as a foreign language and, lately, on education and intercultural encounters in Macao.